

Revista de
EDUCAÇÃO PÚBLICA

Cuiabá, v. 7, n. 12, jul.-dez. 1998.

Revista de Educação Pública



*Educação
Indígena*

Artigo científico:
Báé Bororo: relato de uma experiência
Núcleo de Documentação
p. 215 a 228

SEPARATA DIGITALIZADA

Acesso **GRÁTIS**



Editora Universitária
de UFMT



Revista de Educação Pública

Publicação do Programa Integrado de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Cuiabá, Editora da UFMT, v. 7, n. 12, jul.-dez. 1998. 228 p.

ISSN 0104-5962

Editora Científica
(Edição Especial)

Educação e Diversificação étnico-cultural
Prof. Dr. Edir Faria de Jesus

Sumário

Apresentação	7
Parte I: Educação escolar indígena	
Reflexões sobre educação escolar indígena na conjuntura atual	15
<i>Edir Pina de Barros</i>	
Educação do ponto de vista do Estado x ponto de vista do índio.....	29
<i>Sirlei A. Silveira</i>	
O significado da escola em sociedades indígenas	35
<i>Ivo Schroeder</i>	
As escolas indígenas e os textos didáticos	47
<i>Arlindo G. de O. Leite</i>	
Autonomia e autodeterminação: o novo discurso da diferença.....	59
<i>Paulo Augusto Mário Isaac</i>	
Parte II: Educação e educação escolar indígena em Mato Grosso	
Escolas indígenas em Mato Grosso: como são e para onde vão.....	75
<i>Darci Secchi</i>	
Histórico da educação escolar indígena na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.....	89
<i>Terezinha Furtado Mendonça</i>	
<i>Laurenice L. de Souza</i>	
Professores indígenas de Mato Grosso e o ensino de Português.....	102
<i>Maria Inês Pagliarini Cox</i>	

Escolas e vivências: um memorial Paresi.....	115
<i>Hellen Cristina de Souza</i>	
<i>Daniel Mantenho Cabixi</i>	
Novas terras e novos céus: a educação escolar entre os Xavante de Sangradouro (1970 - 1980).....	127
<i>Teodorico Fernandes da Silva</i>	
Museu-oficina Kuikare: uma “escola” nativa Kurâ-Bakairi (Karib) ...	176
<i>Darlene Yaminalo Taukane</i>	

Parte III: Relatos de experiências

A educação indígena no contexto cultural Paresi	187
<i>Edson Bosco da Silva</i>	
<i>Nelson Secchi</i>	
Além das Letras: Uma experiência junto aos Kulina do médio Juruá	199
<i>Ângela Kurovski</i>	
Núcleo de Documentação Bóe-Bororo: Relato de uma Experiência....	215
<i>Paulo Augusto Mário Isaac</i>	



Núcleo de Documentação Bóe-Bororo: Relato de uma Experiência¹

Paulo Augusto Mário Isaac²

Este trabalho é o relato de uma experiência realizada entre 1990 e 1995, na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso, em que nos lançamos num Projeto didático-pedagógico contra o preconceito e a discriminação existente em meio à sociedade envolvente contra os povos indígenas, em especial, os bóe-Bororo³.

A problemática abrange dois aspectos:

1) Por que a população de Rondonópolis, que convivia (convive) com os bóe-Bororo, não os reconhecia e os respeitava como um povo com cultura própria e modo de vida diferenciado?

¹ Trabalho apresentado no Seminário Educação 95 *Globalização e Políticas Públicas*, promovido pelo Instituto de Educação da UFMT, GT Educação Indígena, Coordenado pela Dr^a. Edir Pina de Barros. Cuiabá – MT, 17 a 20 de outubro de 1995. Atualizado em abril de 1997.

² Professor na área de Ciências Sociais do Departamento de História do Campus Universitário de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso.

³ *Bóe*- autodenominação dos índios que vivem na região; *Bororo*- etnônimo dos bóe, ou seja, denominação que os "brancos" utilizam para identificar os bóe.

Parte III: Relatos de experiências

A visão que os “brancos” *tinham* dos bóe-Bororo, e ainda têm em grande proporção, era estereotipada, considerando-os “bêbados”, “povo que tem muita terra e não planta nada”, ou seja, a idéia do índio indolente, ingênuo, incapaz, sujo e incompetente para administrar os recursos que possuem.

2) Por que nas bibliotecas de Rondonópolis não havia livros sobre os bóe-Bororo, se existe uma vasta produção científica e literária sobre esse povo?

Até o final do ano de 1995, a cidade era sede de uma ADR - Administração Regional da FUNAI, com uma boa infra-estrutura, até hoje possui um Campus da UFMT com uma biblioteca e um Departamento de História e mais seis outros cursos, uma biblioteca municipal e uma Coordenadoria de Cultura ligada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Rondonópolis.

A maioria dos pioneiros e dos políticos dizem orgulhar-se da cidade ter sido residência de quem eles consideram o mais ilustre indigenista da história do Mato Grosso - o Marechal Rondon.

Aparentemente nada justificava o descaso para com os bóe-Bororo e a falta de material para que os jovens tivessem acesso às informações sobre este povo indígena.

A questão indígena só era tema de discussão no “Dia do Índio”, 19 de abril, em que as comemorações ufanistas tentavam mostrar um índio genérico, diluído na sociedade nacional, com suas contribuições à formação do povo brasileiro e uma “peça” do passado.

Nenhum livro de cunho científico ou didático estava à disposição de alunos e professores para que pudessem fazer pesquisas e trabalhos escolares.

Diante desta situação, pensamos em fazer alguma coisa para mudar essa mentalidade preconceituosa sobre os bóe-Bororo, sensibilizar as autoridades públicas municipais e a população a respeito dos direitos e necessidades do povo indígena e organizar uma bibliografia que pudesse auxiliar, sobretudo os jovens, em estudos sobre a realidade dos povos indígenas.

Inicialmente tentamos fazer um Projeto pela UFMT, mas as sub-reitorias de Ensino de Graduação, de Extensão, Assuntos

Parte III: Relatos de experiências

Comunitários e Estudantis e de Pesquisa e Pós-Graduação não o consideraram pertinente, pois, segundo a administração superior da UFMT, tal Projeto não se enquadrava nas suas atribuições e, portanto, não poderia destinar-lhes recursos.

Fomos à Prefeitura. Soubemos que em 1987 a Administração Municipal havia adquirido, através da Coordenadoria de Cultura, um bom acervo do artesanato bôe-Bororo e que a Biblioteca Municipal teria recebido gratuitamente da Missão Salesiana um exemplar da Enciclopédia Bororo, que é composta por 3 volumes e é a maior, mais completa e mais importante fonte de pesquisa sobre a cultura e vida desse povo, já produzida.

Qual não foi a nossa surpresa quando constatamos que nada mais disso existia, em 1990.

Segundo fomos informados, na própria Prefeitura, ao findar a Administração do Prefeito Fausto Faria, seus correligionários roubaram não só a Enciclopédia Bororo como todo acervo da Coordenadoria de Cultura.

De posse de alguns indícios sobre o paradeiro de todo esse material, fomos à Câmara de Vereadores e à Prefeitura Municipal para solicitar uma investigação e recuperação do acervo.

Entretanto, a nova Administração Municipal, de Hermínio Barreto, alegando não querer atrito com os vereadores da oposição na Câmara "por causa de coisas de índios", simplesmente obstruiu nosso pedido.

Decidimos, então, formar um Núcleo de Documentação Bôe-Bororo, independente das instituições, que atuaria junto aos setores educacionais e populares no sentido de combater o preconceito, através de palestras, debates, exposições de fotografias, filmes e juntando a produção etnográfica e antropológica desta sociedade indígena, na medida de suas possibilidades.

O Núcleo nunca teve uma sede e a nossa sala de trabalho na Universidade era o ponto de referência para os que se interessavam pelo trabalho.

Os primeiros a requisitarem nossa presença para palestras e debates foram as Escolas Públicas, em especial a Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Sagrado Coração de Jesus".

Parte III: Relatos de experiências

No final do ano de 1990, nossas atividades já haviam ganhado popularidade e simpatia, principalmente junto aos professores das escolas públicas, das crianças e adolescentes e dos universitários.

Nesse momento um novo desafio colocou-se para nós.

Os bõe-Bororo de Tadarimana, ao ficarem sabendo que fazíamos esse trabalho junto à sociedade envolvente, procuraram-nos “para pedir ajuda”.

Queriam uma assessoria, sobretudo no que dizia respeito às suas reivindicações junto às instituições públicas municipais e estaduais e às organizações da sociedade civil, uma vez que “o pessoal da FUNAI não liga para o que a gente pede para eles encaminhar”, disse-nos o líder indígena Luís Carlos Okoeréu.

Começava aí uma relação de parceria e amizade entre nós os bõe-Bororo de Tadarimana.

Procuramos, a partir de então, dar-lhes uma assessoria desinteressada e sem paternalismo, tal qual fazíamos com os outros movimentos sociais dos quais participávamos enquanto cidadãos e profissionais da área de ciências sociais.

Tivemos, a partir de então, a participação em diversos movimentos envolvendo os bõe-Bororo de Tadarimana, entre eles destacamos alguns pela sua importância:

1) Formação da *Bõe-Eno Associação Tadarimana Tatawu*, uma entidade indígena aos moldes das associações de produtores rurais do município de Rondonópolis, que levou três anos de discussão para ser concretizada e que foi fundada no dia 12 março de 1995, com o auxílio do líder produtor rural Antônio Dourado.

2) Denúncias contra a poluição da água que serve as Aldeias, cuja luta levou a FUNAI a obstaculizar a nossa entrada na Área por cerca de um ano, por termos levado a público através de uma reportagem feita pela TV Centro América. Nossa ação política, aliada a de outros setores, levaram à construção do poço artesiano a partir de agosto de 1996. Entretanto, até abril de 1997 o referido poço não estava em funcionamento por falta de ligação entre ele e a Aldeia Central, numa extensão de dois quilômetros.

3) Encaminhamento de ofícios às autoridades para conseguir melhorias de estradas, combustíveis para bomba d'água e trator, sementes,

Parte III: Relatos de experiências

ferramentas, solicitação de energia elétrica, transferência da escola do Posto da FUNAI para próximo da Aldeia Central, nomeação de professores, agentes de saúde e chefe de posto índios e outras coisas necessárias à vida na Aldeia.

4) Um fato que consideramos histórico foi a ocupação do prédio da ADR da FUNAI de Rondonópolis, entre os dias 14 e 17 de junho de 1995, por cerca de sessenta índios. Esta ocupação foi resultado de uma organização própria dos bóe-Bororo de várias aldeias, que se articularam através de suas lideranças, sem qualquer interferência de "brancos". Os bóe-Bororo sempre foram vistos como índios pacíficos, que não sabem reclamar seus direitos. É evidente que cada povo tem uma estratégia de luta e sobrevivência e a forma destes índios se organizar sempre foi mal compreendida, sobretudo pelos funcionários da FUNAI. A ocupação da ADR- da FUNAI de Rondonópolis foi um acontecimento que demonstrou a capacidade de organização e articulação desses índios e sua disposição em redefinir suas estratégias de relacionamento com os órgãos governamentais e com a sociedade de contato. Infelizmente, após esse episódio, a FUNAI de Brasília, com auxílio de alguns de seus funcionários de Rondonópolis, viabilizou a extinção da ADR, deixando no município apenas um Núcleo subordinado a Cuiabá e que abandonou a assistência aos índios da região. No episódio da *ocupação* nossa assessoria foi solicitada pelos índios e restringiu-se à formalização de encaminhamentos decididos e executados por eles mesmos.

5) Outro fato importante foi a realização do I Seminário de Educação Escolar Indígena Bóe-Bororo de Tadarimana, realizado entre 11 e 13 de dezembro de 1995, quando decidimos lutar em parceria (Comunidade Indígena, UFMT, USP, CIMI, CICAF, MS-MT e SEDUC-MT)⁴ pela construção da escola na Aldeia Central de Tadarimana e por um curso

⁴ Siglas: UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso; USP- Universidade de São Paulo; CIMI- Conselho Indigenista Missionário de Mato Grosso; CICAF- Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas; MS-MT- Missão Salesiana em Mato Grosso; SEDUC- Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso, Prodeagro - Programa de Desenvolvimento Agro-Ambiental.

Parte III: Relatos de experiências

de formação de professores índios. O Projeto Tucum de Formação de Professores Índios, executado pela SEDUC e financiado pelo Prodeagro/Banco Mundial, foi estendido aos bóe-Bororo e a I Etapa Intensiva do Pólo III realizada em Meruri, no mês de setembro de 1996, teve a participação de 36 índios dessa etnia, sendo que nove eram de Tadarimana. Quanto à escola, após um trabalho junto ao MEC, este liberou recursos para que a Prefeitura Municipal de Rondonópolis executasse a obra, cuja inauguração foi no dia 19 de abril de 1997.

A assessoria que demos aos Bóe-Bororo ao longo desse seis anos se juntou às nossas atividades acadêmicas na Universidade, incluindo atividades de extensão, tais como palestras, debates, cursos, seminários e atividades conjuntas dos índios com a sociedade envolvente.

O resultado deste trabalho articulado entre índios e "brancos" foi muito positivo.

Percebemos que no meio da juventude o preconceito contra os índios não é tão arraigado: é mais fruto da desinformação do que de uma posição *conscientemente* etnocentrista.

Os jovens, embora possuidores de uma visão de mundo ideologicamente construída nos padrões da sociedade ocidental, têm um espírito aberto para conhecer coisas novas e conhecer o *outro*, na sua diferença. Viver essa realidade nas escolas e nas comunidades de jovens nos bairros foi gratificante.

As dificuldades para o entendimento da questão indígena e que eram colocadas para nós, sobretudo nas escolas, nos levou a realizar um trabalho monográfico denominado *Como Trabalhar a Questão Indígena na Sala de Aula, nas Quatro Primeiras Séries Escolares*. Este trabalho foi apresentado no Curso de Especialização em Metodologia da Pesquisa Educacional, em 1993. Nele fizemos uma sistematização das visões predominantes sobre a questão indígena na escola: visão genérica, visão preconceituosa e visão romântica.

Desse modo procuramos aliar teoria e prática, fazendo uma reflexão científica dos fatos e fenômenos sociais que vivíamos.

Nosso trabalho surtia resultados visíveis. Foi curioso um fato ocorrido na Escola Estadual "Sagrado Coração de Jesus", de Rondonópolis, quando em uma de nossas palestras para crianças de

Parte III: Relatos de experiências

primeira e segunda séries. Travamos com um menino de sete anos o seguinte diálogo:

- *Professor, o meu pai falou que os índios são preguiçosos.*
- *E você, o que acha?*
- *Acho que meu pai está errado, os índios são diferentes.*
- *Por que você acha isso?*
- *Foi o que eu entendi das explicações da minha professora.*

Este diálogo é muito ilustrativo para demonstrar o efeito multiplicador do trabalho que fazíamos junto aos alunos da Universidade e aos professores da rede estadual.

Ele se torna mais significativo quando percebemos a força da educação escolar, quando sustentada pelo conhecimento científico e por uma postura filosófica clara. É evidente, neste caso, a visão crítica da criança, sobretudo se considerarmos o peso que os valores passados pelos pais têm para os meninos de 7 anos de idade.

Não podemos deixar de enfatizar que este fato é resultado do esforço dos professores da rede estadual em trabalhar correta e coerentemente a questão indígena em sala de aula, fato que pode ser facilmente comprovado pelo número deles que participaram dos cursos de extensão e seminários sobre o assunto, na Universidade, e que nunca foi inferior a duzentos inscritos, entre 1991 e 1995.

Outro fato significativo foi o envolvimento das crianças e adolescentes nas atividades promovidas pelo Núcleo, sempre em parceria com as escolas.

No mês de abril sempre se comemorava o "Dia do Índio".

Passou-se a comemorar a "Semana do Índio", com muitas atividades acadêmicas e de lazer, a ponto de ter o envolvimento do comércio, através do SESC, da Associação dos Artesãos de Rondonópolis, da UFMT e de toda a população no evento.

Chegou-se a fazer grandes gincanas envolvendo as maiores escolas de Rondonópolis, atividades sócio-culturais e educativas de grandes proporções em termos de público.

Os índios passaram a participar apresentando danças tradicionais e proferindo palestras, na cidade.

Parte III: Relatos de experiências

A curiosidade da juventude, expressa em questionamentos feitos durante os eventos, iam desde o impressionante funeral Bororo até o cotidiano da aldeia.

Na realização de exposições de artesanato e material bõe-Bororo e nas palestras com estudiosos da vida destes índios, conseguimos nossos primeiros livros para o acervo do Núcleo.

O primeiro livro que ganhamos foi *Os Bororo na História do Centro-Oeste Brasileiro - 1716-1986*, que o próprio autor Mário Bordignon Enawuréu doou-nos.

Outras publicações foram doadas pela Missão Salesiana em Mato Grosso e pela antropóloga Renate Brigitte Viertler, que é uma das maiores estudiosas do povo bõe-Bororo da atualidade.

Além das obras que recebemos, fizemos cópias de outras, tanto de livros como de artigos de jornais, sempre com recursos próprios e sem qualquer auxílio institucional. Pagamos, inclusive, os quadros de cartazes que mandamos fazer para termos um visual histórico das lutas e dos acontecimentos envolvendo os povos indígenas e que, em meados de 1995, doamos para o "Núcleo de Documentação e Pesquisa Históricas do Centro Universitário de Rondonópolis" - UFMT, como também passamos para a Biblioteca da Universidade os livros, a fim de que todos possam ter acesso aos mesmos.

Nossa ação e nosso compromisso sempre foram para com os direitos indígenas.

Mesmo em questões polêmicas, como a da terra, não nos intimidamos e denunciemos as ações daqueles que agridem os direitos dos povos indígenas e invadem suas terras.

Tornamos público e mobilizamos a opinião pública em torno da invasão na Área Indígena de Teresa Cristina, próximo a Serra dos Coroados, município de Santo Antônio de Leverger.

O trabalho que desenvolvemos serviu para colocar a questão indígena, em especial, sobre os bõe-Bororo na ordem do dia, não como algo isolado e do passado, mas como uma inter-relação social onde a diversidade sócio-ambiental deve ser respeitada.

Em 1996, o Núcleo já não tinha mais razão de existir porque as instituições e as entidades da sociedade rondonopolitana já haviam incorporada a questão indígena em suas ações e reflexões.

Parte III: Relatos de experiências

A avaliação que fazemos de todo este trabalho é que o Núcleo de Documentação Bóe-Bororo deu uma importante contribuição para tornar a questão indígena mais visível e ter-se uma visão e uma postura mais positiva diante dos povos indígenas.

Pudemos verificar que uma ação pedagógica, mesmo promovida por organizações não institucionais, propicia uma mudança significativa de atitude e na visão de mundo de alunos e da sociedade como um todo; que a educação tem uma força extraordinária como agente de transformação social e que o conhecimento proporciona uma mudança de comportamento.

Sentimos que a convivência entre povos culturalmente diferentes é possível e saudável e que os bóe-Bororo precisam do apoio da sociedade envolvente para viver o direito à diferença, à terra, à cultura e ter um modo de vida próprio.

O respeito à diferença enobrece e dignifica a sociedade, porque a pluralidade abre um leque de alternativas de vida para as pessoas.

Não queremos dizer que toda a cidade de Rondonópolis conseguiu mudar sua visão e sua expectativa em relação aos bóe-Bororo.

Mas, os avanços conseguidos nos dão conta da necessidade de se prosseguir na luta pelo respeito a todos os povos e que novas formas de ação se colocam para nós. O que não pode alterar-se é o nosso compromisso para com a verdade, com a ciência e com a defesa dos direitos e valores humanos.

Ao afastarmo-nos para cursar o Mestrado, em junho de 1995, realizamos com os alunos da disciplina Antropologia Cultural II, do Curso de História/ICHSR/UFMT, um evento denominado "Com Respeito às Diferenças". Foi realizado um estudo sobre duas questões: a indígena e a do negro. Através de um trabalho etnográfico, os estudantes focalizaram dois grupos sociais: os negros do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, Estado de Mato Grosso, e os Índios Bóe-Bororo de Tadarimana. Um debate com a presença de representantes dessas duas sociedades e uma exposição de fotografias serviram de motivação para a socialização do conhecimento produzido pelos estudantes. O nome que os estudantes escolheram, "Com respeito

Parte III: Relatos de experiências

às diferenças”, tinha um duplo significado: sobre o assunto e ato de respeitar.

Creemos que houve grandes avanços com relação à nossa problemática inicial, mas há muita coisa ainda por se fazer para que a convivência entre a população branca e negra de Rondonópolis conviva dignamente com os índios, reconhecendo-os e respeitando-os integralmente.

Os bõe-Bororo não podem ser vistos como gente do passado, mas como gente do presente, que têm valores próprios e dificuldades muitos semelhantes as da maioria da população brasileira, sobretudo os excluídos do sistema produtivo.

É preciso, pois, que não nos acomodemos com os avanços e, tão importante quanto à mudança de visão em relação aos índios, é uma mudança de atitude, não só das pessoas como também das instituições e outras organizações da sociedade.

Além disso, as bibliotecas municipais, das escolas públicas e particulares e das instituições de ensino superior precisam adquirir livros, revistas, periódicos e artigos de jornais sobre as questões étnicas e sócio-ambientais e, em particular sobre os bõe-Bororo, para garantir aos estudantes o acesso ao conhecimento científico, de modo a prepará-los para viver numa sociedade pluralista e multicultural, em que a bio-sócio-diversidade ocupa lugar de destaque nos avanços técnico-científicos, no limiar do século XXI.

RESUMO

Este trabalho é o relato de uma experiência realizada entre 1990 e 1995, na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso, em que nos lançamos num Projeto didático-pedagógico contra o preconceito e a discriminação existente em meio à sociedade envolvente contra os povos indígenas, em especial, os Bororo.

Parte III: Relatos de experiências

Referências bibliográficas sobre os bõe-Bororo, levantadas pelo Núcleo:

- Albisetti, César & Venturelli, Ângelo J. **Enciclopédia Bororo** - Volumes I e II. Campo Grande, Museu Regional Dom Bosco, 1969.
- Bordignon Enawuréu, Mário. **Os Bororos na História do Centro Oeste Brasileiro 1716 1986**. Campo Grande-MS, Missão Salesiana de MT/ CIMI-MT, 1986.
- _____. **Róia e Baile - Mudança Cultural Bororo**. Campo Grande-MS. Monografia de Especialização do curso de História da Universidade Católica Dom Bosco. 1994.
- _____. **Boé Eejiwu. Pinturas Faciais Bororo. Apostila**.
- _____. & Kanajó Towujewu, Antônio. **Boé Enogiegidae Barege Eie - Classificação Bororo dos Bichos**. Campo Grande, Missão Salesiana de MT/INICAMP, 1988.
- Cartilha Bororo – **Boe Eno- ABCD ário na Língua Bororo**, 2. Edição, Cuiabá, Summer/SIL, 1988.
- Coelho, Vera P. (Org.). **Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu**. São Paulo, EDUSP, 1993.
- Costa, Anna Maria R. **Rito e Magia - Arte Indígena do Centro-Oeste**. Brasília, FUNAI, 1994.
- Crocker, J. C. **Reciprocidade e Hierarquia entre os Borôro Orientais**. In: Schaden, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1976.
- Demarchi, Irma. **CICAF - 50 Anos em MT a Serviço da vida e da Esperança**. Rondonópolis, Gráfica A Tribuna, 1997.
- DOSSIÊ ÍNDIOS EM MATO GROSSO**. Cuiabá-MT, OPAN/CIMI-MT, 1987.
- Drumond, Carlos. **Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira**. São Paulo, I.E.B./USP, 1965.

Parte III: Relatos de experiências

- Duroure. Pe. João B. **Dom Bosco em Mato Grosso - 1894-1904**. I vol. Campo Grande, IHGMT/Missão Salesiana em MT, 1977.
- Fernandes, Florestan. *Tiago Marques Aipobureu: Um Bororo Marginal*. **Revista do Arquivo**. São Paulo, VI. CVII: 07-29, 1946.
- Hartmann, Tekla. **Nomenclatura Botânica dos Borôro**. São Paulo. I.E.B./USP, 1967.
- Isaac, Paulo A.M. **A Questão Indígena no Conteúdo Curricular da Quatro Primeiras Séries Escolares**. Rondonópolis - MT, monografia de especialização - Departamento de Educação/ICHSR/UFMT, 1993.
- Novaes, Sylvia C. **Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos Outros**. São Paulo, Edusp. 1993.
- Ochoa Camargo, Gonçalo. *Bakuru Maiwu: Novo Testamento em língua Bororo*. Campo Grande. Missão salesiana de Mato Grosso/FUCMT, 1992.
- _____. *Missa em Bororo*. General Carneiro -MT, Missão Salesiana de MT/ Aldeias Bororo do Meruri e do Rio Garças, 1984.
- _____. & BORDIGNON ENAWURÉU, Mário. *Cartilha Bororo - Bóe Ewaduru Paru*. Campo Grande - MS, Missão Salesiana/FUCMT, 1984.
- _____. & COQUEIRO TUGORE ETUA, Frederico. *História Mítica Bororo*. Vol. I. Campo Grande - MS -, Missão Salesiana de MT, 1990.
- POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: 1987 - 1990. Série Aconteceu Especial 18. São Paulo, CEDI, 1991.
- POVOS INDÍGENAS DO BRASIL: 1991 - 1995/ Carlos Alberto Ricardo editor. - São Paulo, Instituto Sócio - Ambiental, 1996.
- REVISTA CAMPANHA CONTINENTAL - *500 Anos de Resistência Indígena e Popular*. Brasília, CIMI, 1991.
- Rodrigues, Aryon D. **Línguas Brasileiras - Para o conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo. Loyola, 1994.

Parte III: Relatos de experiências

Silva, Aracy Lopes (org.). **A Questão Indígena na Sala de Aula**. São Paulo, brasiliense, 1987.

_____ & Grupioni, Luis Donizete. **A Temática Indígena na Escola**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

Viertler, Renate Brigitte. *Amazônia Brasileira - Preâmbulo a uma Discussão Antropológica da Questão Indígena*. (fotocópia de Revista da USP sem dados de referência).

_____. *Córrego Grande Revisitada*. **Revista da USP**, n.º. 04, São Paulo, 1987.

_____. *Contribuições à Antropologia em Homenagem ao Professor Egon Schaden*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, V. 4, 1981.

_____. **A Duras Penas - Um histórico das relações entre índios Bororo e "civilizados" no Mato Grosso**. São Paulo, FFLCH/USP, 1990. (Antropologia, 16).

_____. *Análise das Conseqüências da Implantação de um Projeto de "Desenvolvimento Integrado" Entre os Índios Brasileiros: O Projeto de Tadarimana e suas Conseqüências Sociais Entre os Índios Bororo*. **Cadernos da Comissão Pró-Índio**, n. 2.

_____. *A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas*. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 32: 1-51, maio 1979.

_____. *O Estudo Antropológico de Aldeias Indígenas no Brasil: Estado Atual de Uma Pesquisa entre os Bororo*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. **Dédalo 27**. São Paulo, 27:47-64, 1989.

_____. *O Estudo de Parentesco e as Práticas de Nomenclatura entre os Índios Bororo*. **Revista de Antropologia**. São Paulo, Volume XXI: 61-68, 1978.

_____. *A Formação da Sociedade Bororo: Mitologia e Considerações Etno-Históricas*. **Revista de Antropologia**. São Paulo, Vol. XXIX, 29: 1-39, 1986.

Parte III: Relatos de experiências

_____. *Fragmentos de Cosmologia Bororo: Xamãs, Oráculos e Cerimônias de Cura*. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Nova Série - Vol. XXXII: 207-221, 1987.

_____. *A Refeição das Almas: Uma Interpretação Etnológica do Funeral dos Índios Bororo, Mato Grosso*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991.

_____. *A Vaca Louca: Tendências do Processo de Mudança Sócio-Cultural Entre os Bororo - MT*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 33: 19-32, 1990.

Wüst, Irmhild. *Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço, Mato Grosso - Reprodução das Publicações: 1992 a 1994*. Goiânia, UFG/Departamento de Ciências Sociais/Museu Antropológico, 1995.